



JULIA QUINN
- E -
SHONDA RHIMES

RAINHA CHARLOTTE

*A história de amor que veio
antes dos Bridgertons e
que mudou a alta sociedade*

shondaland | NETFLIX

Para Lyssa Keusch.
Só não vou ficar com saudade pois ainda seremos amigas.
E também para Paul. Vou dizer bem aqui:
FOI TUDO IDEIA SUA.

- J. Q.

Para minhas filhas. Cada uma de vocês é uma rainha.

- S. R.



Querido e amável leitor,

Esta é a história da rainha Charlotte da série Bridgerton.

Não é uma aula.

É ficção inspirada por fatos.

Todas as liberdades tomadas pelas autoras foram intencionais.

Aproveite.



Querido leitor,

A época mais fria do ano se tornou ainda mais fria com a triste notícia da morte da princesa real. A neta dos queridos rei George III e rainha Charlotte faleceu no parto, assim como o bebê.

Embora nossos corações sofram pela perda da princesa real, nossas mentes sofrem ainda mais pelo futuro da própria monarquia. Pois a Coroa precisa agora enfrentar uma crise. Uma crise que imagino que a rainha Charlotte considere bastante penosa depois de dominar com punho de ferro os esforços casamenteiros da alta sociedade e do mercado matrimonial.

Esta autora, assim como toda a Inglaterra, só pode esperar que a rainha finalmente canalize suas energias casamenteiras para sua própria família. Afinal de contas, Sua Majestade tem treze filhos e, até o momento, nenhum herdeiro real foi por eles gerado. Isto é, nenhum legítimo.

É de se pensar: será que não passa de conversa todo o conhecimento da rainha sobre como fazer um bom casamento?

Crônicas da Sociedade de Lady Whistledown,

10 de novembro de 1817



Cinquenta e seis anos antes...

CHARLOTTE



Essex, Inglaterra

London Road

8 de setembro de 1761

Como todos os membros da aristocracia alemã, a princesa Sophia Charlotte de Mecklenburg-Strelitz era detentora de numerosos nomes. Sophia era o nome da avó materna, Sophia Albertine de Erbach-Erbach, condessa por nascimento e duquesa por casamento. Charlotte era uma homenagem ao pai, Charles Louis Frederick de Mecklenburg-Strelitz, que fora o segundo filho, mas morrera antes de assumir a posição de chefe da família. E havia as numerosas terras e propriedades com nomes duplos que compunham a herança da princesa. Mecklenburg-Strelitz e Erbach-Erbach, naturalmente, mas também Hildburghausen, Schwarzburg-Sondershausen e, se alguém quisesse ir ainda mais longe na linhagem, Waldeck-Eisenberg.

Ela apreciava todos os nomes e tinha orgulho de cada um deles, mas o que mais prezava era o apelido Lottie.

Lottie. Bem simples, mas não era a isso que se devia sua preferência. Afinal de contas, dificilmente poderia ser descrita como uma mulher de gostos simples. Adorava perucas bem altas e vestidos exuberantes e tinha a convicção de que ninguém em sua família admirava tanto as complexidades da música ou da arte quanto ela.

Não era uma criatura simples.

Não mesmo.

Mas gostava de ser chamada de Lottie. Gostava porque quase ninguém usava aquele nome. Era preciso *conhecê-la* para chamá-la assim.

Era preciso saber, por exemplo, que na primavera sua sobremesa preferida era torta de damasco com framboesa e, no inverno, strudel de maçã. Na verdade, adorava frutas e doces, de modo que qualquer doce à base de frutas tinha sua predileção máxima.

Quem a chamava de Lottie também sabia que, quando menina, ela adorava nadar no lago próximo de sua casa (quando fazia um pouco de calor, o que raramente acontecia). Sabia também que, quando a mãe proibira esse hábito (declarando que a garota estava crescida demais para algo tão frívolo), Charlotte ficou três semanas sem falar com ela. A paz só foi restabelecida depois que Charlotte redigiu um documento legal surpreendentemente minucioso que delineava os direitos e as responsabilidades de todas as partes envolvidas. A mãe não se deixou persuadir de imediato pelos seus argumentos, mas Adolphus, o irmão mais velho, interveio na situação. Charlotte tinha feito uma boa argumentação. Demonstrara lógica e inteligência e com certeza deveria ser recompensada por isso.

Tinha sido Adolphus quem a apelidara de Lottie. E esse era o verdadeiro motivo para que o apelido fosse sua forma de tratamento preferida. Tinha sido concedido por seu irmão preferido.

Quer dizer, o irmão que *um dia* foi seu preferido.

– Que cara de estátua é essa? – comentou Adolphus, sorrindo, como se ela não tivesse passado as últimas três semanas implorando para não se casar com um desconhecido.

Charlotte queria ignorá-lo. Mais do que isso, gostaria de nunca mais ter que dirigir uma única palavra a ele pelo resto da vida, mas até ela reconhecia que era uma teimosia vã. Além do mais, os dois se encontravam dentro de uma carruagem, no sudeste da Inglaterra, com um longo caminho pela frente, mesmo depois de já terem percorrido um grande trecho dele.

Estava entediada e furiosa, o que nunca era uma boa combinação.

– Estátuas são obras de arte – respondeu ela num tom gélido. – A arte é bela.

O irmão sorriu. Maldito fosse.

– Arte é algo belo de contemplar – disse ele, com certo bom humor. – Já você está apenas ridícula.

– Por que diz isso? – retorquiu Charlotte.

Ele deu de ombros.

– Você está absolutamente imóvel há seis horas.

Ah, não. *Ah, não*. Ele não deveria ter tocado naquele assunto. Charlotte encarou-o com seus olhos escuros transmitindo uma ferocidade aterrorizante.

– Estou usando seda de Lyon. Incrustada com safiras da Índia. Com uma sobreposição de rendas de dois séculos atrás.

– E está linda. – Ele estendeu o braço para bater de leve no joelho da irmã, mas retirou a mão com pressa ao ver a expressão dela.

Uma expressão assassina.

– Aparentemente, o excesso de movimento pode fazer com que as safiras rasguem a renda – grunhiu Charlotte. Literalmente grunhiu. – Você quer que eu rasgue a renda? *Quer?*

Ela não esperou uma resposta. Ambos sabiam que a pergunta havia sido retórica.

– Como se não bastasse – prosseguiu Charlotte –, meu espartilho foi feito com barbatanas de baleia.

– Barbatanas de baleia?

– Sim, de baleia, meu irmão. Barbatanas de baleia. *Baleias morreram por minha aparência.*

Adolphus soltou uma gargalhada.

– Lottie...

– Não ouse. Não me chame de Lottie como se você se importasse comigo.

– Você sabe que me importo, *Liebchen*.

– Ah, é? Porque não parece. Parece que amarraram meus braços e pernas como se eu fosse uma porca após a engorda e estivesse prestes a ser colocada no altar como sacrifício.

– Charlotte...

Ela arreganhou os dentes.

– Vai colocar uma maçã na minha boca?

– Charlotte, *pare*. Você foi escolhida por um rei. É uma grande honraria.

– Aí está – disparou Charlotte. – É por *isso* que estou zangada. As mentiras. Você não para de mentir.

Ela não suportava aquilo, a infinidade de mentiras. Aquilo não era honraria nenhuma. Ela não sabia como classificar a situação, mas, definitivamente, honraria não era.

O rei George III da Grã-Bretanha e Irlanda tinha aparecido do nada (ou melhor, os *representantes* do rei; ele não havia se dignado a fazer uma aparição) e decidira, de forma inexplicável, que ela, Sophia Charlotte de Mecklenburg-Strelitz, seria sua próxima rainha.

Mecklenburg-Strelitz. A comitiva real tinha ido até a distante *Mecklenburg-Strelitz*. Charlotte amava aquele lugar, seu lar, com seus lagos plácidos e gramados verdejantes, mas estava ciente de que Mecklenburg-Strelitz era

considerado um dos estados menos importantes de todo o Sacro Império Romano-Germânico.

Isso sem falar da distância. Os conselheiros do rei precisaram navegar um grande trecho, passando por dezenas de ducados e principados (e suas dezenas de duquesas e princesas), para chegar a Mecklenburg-Strelitz.

– Eu não minto para você, Charlotte – disse Adolphus. – É um fato: você foi escolhida.

Se conseguisse se mexer dentro daquele espartilho de barbatanas de baleia, Charlotte teria se virado para encará-lo. Como não era possível, foi obrigada a lançar apenas um olhar glacial de esguelha para o irmão.

– E foi muito difícil ser escolhida? – questionou ela. – Do que eles precisam? Nada de especial. Alguém que possa gerar muitos filhos. Alguém que saiba ler. Alguém que domine as regras sociais. Alguém com sangue real. É só isso que exigem.

– Isso não é pouco, *Liebchen*.

– Isso *não é* uma grande honraria. E você poderia ter mandado escolherem outra. Alguma moça estúpida a ponto de desejar isso.

– Eles não queriam uma estúpida. Queriam você.

Deus do céu, não era possível que ele fosse tão burro.

– Adolphus, pense – implorou Charlotte. – Por que eu? Ele poderia ter escolhido qualquer uma. Mas não. Atravessaram o continente à minha procura. Deve haver uma razão.

– Porque você é especial.

– Especial?

Charlotte não conseguia acreditar em tamanha ingenuidade. Não, Adolphus não era ingênuo. Estava apenas tentando acalmá-la como se ela fosse uma criança boba, cega ou estúpida, incapaz de reconhecer a teia de perfídia tecida a seu redor.

– Sou uma desconhecida para eles. E eles são desconhecidos para nós. Você não pode achar que sou tão ingênua assim. Há um motivo para quererem a mim, uma desconhecida. E não pode ser coisa boa. Sei que não pode ser bom porque você não olhou nos meus olhos desde que me deu a notícia.

Adolphus levou um momento para falar. E, quando enfim falou, suas palavras foram vazias.

– É uma coisa boa, Lottie. Você vai ser feliz.

Ela fitou aquele homem a quem pensava conhecer melhor do que ninguém. Era seu irmão, o chefe da família desde a morte do pai, nove anos antes. Ele tinha jurado protegê-la. Tinha lhe dito que ela era boa e digna, e Charlotte *acreditara*.

Ela deveria ter imaginado. Adolphus era homem e, como todos os homens, via as mulheres como peões a serem movidos por toda a Europa, sem jamais pensar na felicidade delas.

– Você não sabe de nada – murmurou Charlotte.

Ele ficou em silêncio.

– Proclama que serei feliz como se fosse possível saber o futuro. Como se suas simples palavras pudessem garantir minha felicidade. Você alguma vez me perguntou qual era minha vontade? Não.

Adolphus soltou o ar com exasperação. Charlotte percebia que estava testando os limites da paciência dele. Mas não se importou, e sua fúria a tornou imprudente.

– Mandar a carruagem dar meia-volta – anunciou ela. – Não vou me casar. Adolphus assumiu uma expressão dura ao ouvir isso.

– Eu assinei o contrato de noivado. Você vai se casar, sim.

– Não vou.

– Vai.

– Irmão. – Ela tentou dar um sorriso insuportavelmente agradável. – Mandar a carruagem dar meia-volta, senão vou me sacudir. Quer saber o que acontecerá se eu fizer isso?

– Aposto que vai me dizer.

– Esse meu espartilho, feito com as melhores e mais caras barbatanas de baleia do mercado, é um tanto delicado. É também muito, muito afiado. E, claro, estou no auge da moda, então este espartilho está bem apertado. – Charlotte cutucou a barriga para enfatizar, mas acabou ficando ainda mais desolada ao perceber que tinha perdido toda a sensibilidade. Era como se estivesse batendo numa parede

– Gostaria de afrouxá-lo? – sugeriu Adolphus.

– Não, não vamos afrouxá-lo – sibilou ela em resposta. – Preciso chegar impecável para ser exibida, o que significa que preciso continuar amarrada a esta monstruosidade. E isso significa que, se estou com a aparência de uma estátua, ridícula a seus olhos, é porque não consigo me mexer. Ou melhor: *não ousa* me mexer. Meu vestido é tão elegante que se eu me

mexer demais corro o risco de morrer fatiada e perfurada pela minha roupa de baixo.

Adolphus apenas a encarou sem nada dizer.

– Que felicidade é ser uma dama – resmungou ela.

– Você está chateada.

Ela teve vontade de matá-lo.

– Charlotte...

– É uma opção viável – disse ela. – Me mexer. Pensei nisso. Escolher ser morta pela minha roupa de baixo. Deve haver alguma ironia na situação, embora confesse que ainda não a perceba. Humor, sim. Ironia... não sei muito bem.

– Charlotte, estou falando sério. Pare com isso.

Mas ela não podia parar. Sua mente estava em chamas. Sua fúria era justificada, e ela estava morrendo de medo, e a cada quilômetro era arremessada em direção a um futuro que não compreendia. Sabia o que estava acontecendo, mas não sabia por quê. E por isso se sentia burra e pequena.

– Temos quanto tempo? Uma hora? – insistiu ela. – Se eu for diligente com os movimentos, acredito que conseguiria morrer antes de chegarmos a Londres.

Adolphus conteve um gemido.

– Como disse, você está chateada. Emotiva. Compreendo que...

– Você compreende? Jura? Eu adoraria ouvir sobre isso. Porque não estou chateada. Nem emotiva. Estou com ódio. E não consigo respirar. E tudo graças a você, meu irmão.

Ele cruzou os braços.

– É o que eu vou fazer – ameaçou ela. – Vou me sacudir e me deixar empalar por este espartilho ridículo e sangrar até morrer.

– *Charlotte!*

Naquele momento, ela finalmente calou a boca. Adolphus raramente falava com ela naquele tom. Na verdade, talvez fosse a primeira vez.

Diante de seus olhos, o irmão simpático desapareceu, sendo substituído por um duque de Mecklenburg-Strelitz poderoso e austero. Era desconcertante. Enfurecedor. E fez a garotinha que ainda morava bem no fundo do coração de Charlotte ter vontade de chorar.

– Sei que deveria ter sido mais firme com você quando nossos pais morreram – disse ele. – Permiti que lesse demais e atendi a todos os seus ca-

prichos e desejos frívolos. Por isso, assumo toda a responsabilidade por você ser tão teimosa e achar que pode tomar decisões. Não pode. Eu dou as ordens. Você vai se casar.

– Não sei por que você não pode simplesmente...

– Porque eles são o Império Britânico e nós somos uma província minúscula na Alemanha! – rugiu ele em resposta.

Charlotte se encolheu. Só um pouquinho.

– Não tivemos escolha – continuou ele. – *Eu* não tive escolha. Quer um motivo? Muito bem. Não tenho motivos. Não existe uma boa razão. Na verdade, a razão pode ser terrível. Sei que ninguém como você ou como eu nunca se casou com uma dessas pessoas. Nunca. Mas não posso questionar! Porque não posso transformar em inimiga a nação mais poderosa do mundo. Está feito. – Ele se inclinou para a frente, exalando raiva, impaciência e até mesmo resignação. – Então cale a boca, cumpra seu dever com nosso país e *seja feliz!*

Charlotte estremeceu. Porque finalmente Adolphus não estava mentindo. Sua pele era marrom. Marrom como chocolate, como madeira escura, intensa. Ela não precisava pôr os olhos sobre o rei George III da Grã-Bretanha e Irlanda para saber que a pele dele não era igual à dela.

Então por quê? *Por que* ele estava fazendo aquilo? Sabia o que europeus de pele clara diziam sobre pessoas como ela. Por que ele “poluiria” sua linhagem com uma moça de antepassados mouros? Sua árvore genealógica levava até a África e não era preciso recuar muitas gerações para chegar até lá.

Por que ele a queria?

O que estava escondendo?

– *Liebchen* – disse Adolphus. Ele suspirou e sua expressão se suavizou. Voltara a ser apenas seu irmão mais velho. – Sinto muito. Mas existem destinos piores do que se casar com o rei da Inglaterra.

Charlotte engoliu em seco e pôs-se a observar a paisagem campestre inglesa que desfilava por sua janela. Era verde e transbordante de vida. Campos e florestas, pequenos vilarejos com igrejinhas e ruas pitorescas. Não parecia tão diferente de sua terra natal, embora não tivesse visto um único lago.

Será que era demais querer um lago?

– Algum dia voltarei a Schloss Mirow? – perguntou ela, baixinho.

O olhar do irmão ficou melancólico, talvez até um pouco triste.

– É improvável – admitiu ele. – Você não vai querer. Dentro de um ano vai nos considerar rústicos demais para seu gosto.

Charlotte teve a estranhíssima sensação de que, se estivesse em outro lugar, com outra pessoa, talvez chorasse. No dia anterior, suas lágrimas teriam escurrido. Quentes e zangadas, com toda a intensidade de sua juventude.

Agora, porém, estava prestes a se tornar uma rainha. Não chorou. O que quer que existisse dentro das pessoas que formasse as lágrimas, levando ao choro, tinha sido desligado.

– Recoste-se – disse ela, então pousou as mãos com firmeza no colo. – Está colocando meu vestido em perigo. Preciso estar perfeita na chegada, esqueceu?

Seu palácio a esperava.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

